

UM OLHAR OUTRO

José foi o nome recebido a 10 de Agosto, quando foi baptizado e agraciado para sempre, na Igreja que o acolheu e a quem serviu ao longo de toda a sua vida. Da família Figueiredo Vale, recebeu o carácter forjado nos campos de Vila Cova, aonde sempre volta, dando largas à sua veia contemplativa e poética, numa simbiose permanente do intelecto com a terra que, incansavelmente, de ano para ano, nos oferece, generosa, os frutos que, primeiro trabalhados, logo nos despertam o apetite para as coisas belas da vida. De Macieira veia costela dos Novais, através do tio que parouquiava Vila Cova.



Ei-lo menino e moço, estudante e poeta, cultivado pelos bons mestres que ensinavam e exigiam resultados, forjando personalidades cultas e fortes, capazes de liderar aldeias e cidades, tornando as paróquias a primeira e mais importante escola de valores humanos e espirituais.

Chegou a padre e gastou a vida ao serviço dos paroquianos. Uma estátua na vizinha paróquia de S. Martinho atesta para o futuro os feitos reconhecidos.

Ei-lo agora, inteligentemente livre e dedicado, no serviço que continua a missão de sempre, que abraçou com gosto quando tinha apenas 23 anos. A 15 de Agosto completou 67 anos desse momento único na vida de um padre, o da ordenação sacerdotal, lembrado ano a ano em acção de graças.

Não é fácil dizer em poucas linhas a vida de 90 anos, há dias celebrados. Muito menos a de uma personalidade multifacetada como é a do P. José Figueiredo do Vale Novais. Familiar e «presente» para várias gerações em Vila Frscainha, é hoje «presente» para Barcelos. Ninguém fica indiferente à sua passagem bem humorada e sorridente, que os anos somados apenas conseguiram acrescentar beleza. Fazendo jus aos escritos assinados por JN, ainda hoje não deixa de exarar, em breves textos que escreve, e que os colegas não dispensam, a sua veia poética e bem humorada, própria de gente que está de bem com a vida e a aprecia com profundidade. Diria que é um artista de categoria superior na arte do bem viver. Um bem viver altruista, empenhado e generoso, cordial e afectuoso para com todos, de modo especial para com os colegas de missão, com quem sempre gosta de estar, seja à mesa de trabalho seja à mesa convivial.

Bom comparsa e conversador nato, não há tristeza que resista à sua presença. Um boa gargalhada que provoca, ou a resposta pronta de ironia fina sempre respeitosa, manifestam a alma grande, madura e comprometida que não se cansa nem cansa.

Cuidadoso da saúde, estima-a como dom único. Obediente aos que conhecem a «máquina», junta-lhe a sua sabedoria prática e a sensatez de quem sente que «já tem idade para ter juízo». Como estranhar então que, após um bom repasto à mesa com os colegas, novos e menos novos (ele era o menos novo na idade mas parecia o mais novo de todos), seguido da mesa familiar – onde tantos Novais de várias gerações saborearam a boa mesa, regada com o bom verdinho mas abençoada com o rosto feliz, a não caber em si de contente, do «tio padre» – os seus muitos amigos quisessem surpreendê-lo...?! Como? Seria possível surpreender homem tão atento e avesso a homenagens, desejando que ao dia 8 sucedesse o dia 10? Pois bem, no dia 10, o agora nonagenário, de vida e de baptizado, dirigia-se para o programado almoço de trabalho, algures fora de Barcelos, quando, numa primeira estação, encontra uma sala cheia de convivas que aguardavam a sua chegada, qual criança a dar o primeiro passo num «primeiro dia de uma década para o centenário».

Com o P. José Novais, a Paróquia não podia fazer por menos: «enfatá-lo e engravatá-lo» qual noivo que, decidida a escolha, se prepara para o «seu dia».

Habitados que estamos a ouvir, quando lhe pedimos um serviço, «peça dois e não um», confiamos-lhe a missão de nos acompanhar deixando-nos ver a sua alegria de viver, a sua generosidade em servir e a sua confiança em Deus e nos homens, virtudes de que é o nosso melhor Mestre.

Obrigado, P. Zé. Até à celebração do centenário.



O Prior – P. Abílio Cardoso



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior – Barcelos

Ano XV - Nº 33/34 - 18/25 de Agosto de 2019

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Em luta constante contra o mal... não contra os maldosos

Na cultura do nosso tempo, precisamos de estar atentos para este fenómeno e para as suas consequências: «cansados» das religiões tradicionais, voltamo-nos para outras importando elementos que esquecemos que existem na nossa própria. Infelizmente, um laicismo cada vez mais imposto e desrespeitador da nossa história multissecular faz-nos apreciar o



ANIVERSÁRIO DA MORTE D. ANTÓNIO BARROSO

Ocorre no próximo dia 31, sábado, o aniversário da morte do ilustre barcelense, que foi bispo do Porto, D. António Barroso, sepultado em Remelhe. É também o Dia da Cidade de Barcelos.

O Grupo de Amigos de D. António Barroso promove, uma vez mais, uma romagem ao seu túmulo em Remelhe, com concentração e saída do Largo da Estação às 8.30, breve paragem em frente do Senhor da Cruz e colocação de um ramo de flores junto ao Monumento que lembra aos barcelenses a sua vida e obra, junto da Igreja Matriz. Prevê-se a chegada a Remelhe pelas 11.00 para se terminar com a celebração da Eucaristia na Igreja Paroquial.

que é dos outros e considerar como inexistente o que é próprio da nossa tradição. Por exemplo, nenhuma tradição religiosa chegou tão longe como o cristianismo ao considerar a pessoa em si, nas suas diferenças, um irmão a acolher e com quem entrar em diálogo. Cristo vai ao ponto de propor, de exigir mesmo, amar os próprios inimigos.

Por isso, o cristão, no fazer a sua própria vida, é desafiado a distinguir sempre o mal em si, o pecado, do pecador ou autor do mal. O cristão luta contra o mal mas «encaixa» o autor do mal. Quem não reconhece a excelência da proposta ao mesmo tempo que a dificuldade em pô-la em prática?

Jeremias foi um dos profetas de maior coragem, perseguido permanentemente que era. A sua fidelidade a Deus causa profundas divisões, incompreensões e agressões. As alianças políticas da altura, por ele denunciadas, levavam ao desastre. E clama pela confiança em Deus. A reacção do rei não se fez esperar pondo em risco a vida dele. Figura de Cristo sofredor, o inocente condenado, como dirá mais tarde S. Jerónimo.

Como Jeremias, muitos outros profetas e cristãos ao longo dos séculos provaram bem do cálice da amargura pela sua fidelidade a Cristo. São o capital de referência para os cristãos de hoje, tantas vezes incompreendidos e até humilhados só por se dizerem seguidores de Jesus.

Em termos de contraste, o texto de Lucas afirma claramente que Jesus não veio trazer a paz à terra mas sim a divisão. Ousadia clara, porquanto Ele mesmo vai provar o fel de tal coragem, a da fidelidade de levar o projecto de Deus até ao fim, até dar a vida, a plenitude do seu gesto de amor para com a Humanidade, repousando no «silêncio» de Deus, o do sepulcro, de onde sairá a Grande Palavra de Deus, o falar de Deus, ressuscitando-O e abrindo um horizonte totalmente inesperado para o futuro da Humanidade. Sim, a morte não tem a última palavra para quem crê. As palavras de Jesus, convidando a seguir-lhe na humilhação – salvar a própria vida arriscando perdê-la – são um aviso mas também estão carregadas de esperança.

Não é um fantasma, uma invenção, uma «dor de cotovelo»: existe perseguição religiosa hoje e o alvo principal é o cristianismo. Os seguidores de Jesus sabem que os poderes deste mundo os olham como «impecilhos» para darem largas às suas fantasias de uma «nova ordem», de mascarar as terríveis injustiças sociais, para colocarem o mundo e as suas riquezas ao serviço apenas de um grupo contra o anúncio permanente da Igreja de que os bens deste mundo fazem parte da «casa de todos».

A Igreja – nós, os cristãos – está no mundo como fermento e luz. Mas não é deste mundo, no sentido de que não pode mundanizar-se, sob pena de deixar o que lhe é essencial: proclamar permanentemente a salvação que Deus continua a aferecer a todos. E como todos precisamos de um anúncio corajoso, tantas são as adversidades!

O Prior – P. Abílio Cardoso

CONVÍVIO DOS PEREGRINOS DA VIAGEM À INGLATERRA E ESCÓCIA

Todos aqueles que participaram na viagem à Inglaterra e Escócia vão juntar-se em convívio, para partilha de experiências e de fotos e outras recordações. Será no sábado, 24, na residência paroquial, após a missa das 19.00.

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO

XX E XXI DOMINGO DO TEMPO COMUM

Senhor, socorrei-me sem demora
Ide por todo o mundo, anunciai a boa nova

Segunda, 19 – S. João Eudes

Leituras: Jz 2, 11-19
Mt 19, 16-22

Terça, 20 – S. Bernardo

Leituras: Jz 6, 11-24a
Mt 19, 23-30

Quarta, 21 – S. Pio X

Leituras: Jz 9, 6-15
Mt 20, 1-16a

Quinta, 22 – Virgem Santa Maria, Rainha

Leituras: Jz 11, 29-39a
Mt 22, 1-14

Sexta, 23 – S. Rosa de Lima

Leituras: Rut 1, 1-2a. 3-6. 14b-16. 22
Mt 22, 34-40

Sábado, 24 – S. Bartolomeu

Leituras: Ap 21, 9b-14
Jo 1, 45-51

DOMINGO, 25 – XXI DO TEMPO COMUM

Leituras: Is 66, 18-21
Hebr 12, 5-7. 11-13
Lc 13, 22-30

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– Família n.º 279 – 10,00
– Anónimo – 20,00

TOTAL DA SEMANA – 30,00 euros

A transportar: 19.716,95 euros
Despesas até agora: 30.063,22 euros

Segunda, 26 – Leituras: 1 Tes 1, 1-5. 8b-10

Mt 23, 13-22

Terça, 27 – S. Mónica

Leituras: 1 Tes 2, 1-8
Mt 23, 23-26

Quarta, 28 – S. Agostinho

Leituras: 1 Tes 2, 9-13
Mt 23, 27-32

Quinta, 29 – Martírio de São João Baptista

Leituras: 1 Tes 3, 7-13
Mc 6, 17-29

Sexta, 30 – Leituras: 1 Tes 4, 1-8

Mt 25, 1-13

Sábado, 31 – Santa Maria

Leituras: 1 Tes 4, 9-11
Mt 25, 14-30

DOMINGO, 1 – XXII DO TEMPO COMUM

Leituras: Sir 3, 19-21. 30-31
(gr. 17-18.20.28-29)
Hebr 12, 18-19. 22-24a
Lc 14, 1. 7-14

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 19 – Celebração da Palavra

Terça, 20 – Manuel Rosa Batista da Costa, esposa e filho

Quarta, 21 – Celebração da Palavra

Quinta, 22 – Intenções colectivas:

– Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filho Manuel
– Aires Marques e esposa Maria Barcelice de Jesus Cordeiro
– Alice de Jesus e marido Alberto Pereira
– Fernando Pereira da Silva (5º aniv.)

Sexta, 23 – Eulália Velez Tabarra (24º aniv.)

Sábado, 24 – Intenções colectivas:

– Maria Cândida Barbosa da Costa
– Francisco Duarte Carvalho
– Carlos Quinta e Costa
– Manuel João Jesus Amaral
– Maria do Carmo de Sousa Faria

– José Luís Pereira da Costa
– José Maria Magalhães Pinto
– Maria Arminda Pereira Pinto de Azevedo Vieira
– Maria de Lurdes Antunes da Silva (aniv.) e marido

Domingo, 25 – 11.00 – Missa pelo povo
19.00 – Pelos Benfeitores da Paróquia

Segunda, 26 – Celebração da Palavra

Terça, 27 – José Rego de Sousa Graça

Quarta, 28 – Maria Amélia Fernandes Pereira

Quinta, 29 – Intenções colectivas:

– Leonel da Quinta Fernandes (aniv.)

Sexta, 30 – Paula Maria Lopes Lourenço

Sábado, 31 – Intenções colectivas:

– Pais de Alice Lima
– Maria Rosalina Lopes Coelho
– Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódio
– José Maria Magalhães Pinto
– Isaurinha Peres Filipe e filhos Isaltina e Manuel
– José Joaquim Martins Loureiro

Domingo, 1 – 11.00 – Missa pelo povo
19.00 – Pelos Irmãos, vivos e falecidos,
da Confraria do Santíssimo Sacramento

PREPARAÇÃO DO BAPTISMO

No sábado, 31 de Agosto às 21.00 nas salas de catequese, haverá uma nova reunião de preparação para o Baptismo destinada a todas as famílias com crianças para baptizar nos próximos meses e para todos aqueles que pretendam assumir o múnus de padrinhos, em Barcelos ou noutras paróquias.

PROCLAMAS DE CASAMENTO

Querem contrair Matrimónio:

JORGE ANDRÉ DOS SANTOS GONÇALVES, de 30 anos, filho de Jorge da Silva Gonçalves e de Albina Maria dos Santos Ferreira Gonçalves, residente em Arcozelo, com DANIELA DANTAS BARRETO RODRIGUES, de 30 anos, filha de Eduardo Barreto Rodrigues e de Maria José Fernandes Dantas, residente em Barcelos.

«Os fiéis são obrigados a manifestar ao pároco ou ao Ordinário do lugar, antes da celebração do matrimónio, os impedimentos de que, porventura, tenham conhecimento» (Cânone 1069).

BOLETIM CONSTRUIR – Como previsto no Plano de Actividades, no próximo domingo não haverá publicação do boletim Construir. Por isso o calendário litúrgico, bem como as intenções de missas reportam-se a duas semanas.

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA – No domingo, dia 1 de Setembro, na Igreja Matriz às 17h30, haverá adoração eucarística, promovida pela Confraria do Santíssimo.

BODAS DE PRATA

Vão celebrar na quarta-feira, dia 21, as suas bodas de prata de casamento Manuel Oliveira da Fonseca e Idalina Conceição Oliveira Fonseca Mariz. O casamento foi celebrado na Igreja Matriz- Barcelos no dia 21 de Agosto de 1994. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS

Enquanto Deus
for meu chão,
Não há quem
me derrube.

LA CROIX: UM DIÁRIO CATÓLICO EM MUTAÇÃO

"Queremos opor-nos à torrente devastadora da má imprensa com a afirmação contemporânea da Verdade e do Bem.

Em nossa opinião, a imprensa diária é a praga deste tempo. O melhor dos jornais é inútil, porque acostuma o homem a não pensar mais e cria uma sociedade superficial que ri de tudo (...) Mais do que nunca, Cristo e sua Igreja são atacados, mais do que nunca é necessário defendê-los (...). Enquanto correr uma gota de sangue em nossas veias, lutaremos contra esses arautos do infortúnio", pode ler-se no editorial do primeiro número do diário francês La Croix, a 16 de Junho de 1883.

Manuel Antunes da Cunha, In DM 20.07.2019

O QUE SERIA SE DEIXASSE DE HAVER MISSA AOS DOMINGOS?

1. No último Domingo o Senhor Arcebispo, D. Jorge Ortiga, manifestou a sua e nossa crescente preocupação pela (in) capacidade de prover todas as Paróquias com um pároco. Há, por exemplo, actualmente mais de 100 párocos em exercício que já ultrapassaram os 75 anos de idade. Há uns tempos, uma outra figura relevante da Igreja Católica portuguesa perguntava: "já pensaram o que seria se deixasse de haver Missa dominical?". E tentou responder: "se deixasse de existir seríamos muito menos sociedade", perderíamos a única oportunidade de "nos encontrarmos". Talvez. Talvez devêssemos perguntar às Dioceses portuguesas onde isso já acontece (sim, já acontece em várias!).

2. Podemos, todavia, colocar outras perguntas: o que será de um padre que tem de celebrar seis ou mais missas dominicais (mais Baptismos, funerais e matrimónios), mesmo estando legalmente proibido de o fazer? (não, não é o excesso de trabalho que está em causa em dois dias da semana; é só a inevitável banalização dos Sacramentos).

Ou, por outro prisma, serão só as missas dominicais que nos preocupam? Há igual receio em perder formação ou em perder a proximidade com os mais pobres? Às vezes, com algum temor, pergunto-me qual será o peso que têm as chamadas intenções de missa em todo este processo.

As intenções, entenda-se, o que elas implicam de memória orante (rezar a Deus pelos defuntos é uma obra de misericórdia, muito justa), de dúvida pelo convívio dos falecidos com Deus, de expiação, de valores cobrados e autossustentabilidade paroquial... Talvez seja tempo de interpretar o que seriam as celebrações da missa, durante umas semanas, sem intenções oficiais.

3. Na paróquia 552 da Arquidiocese de Braga (Santa Cecília de Ocuia, Diocese de Pemba-Moçambique), a maior parte dos cristãos tem oportunidade de ir à missa, na melhor das hipóteses, uma vez de dois em dois anos. A maior parte, só no dia do Baptismo. Não me parece que, por isso, sejam mais pecadores nem menos santos. Encontraram, ao longo dos tempos, com a ajuda dos seus Bispos, outros modos "sinodais" de decisão e programação, esquemas de celebração da Palavra dominical, redescobriram outros ministérios dentro da própria comunidade, assumiram por si mesmos a ritualidade e a caridade nos funerais, vão implementando o catecumenado ("catequese") de adultos... E quando chega, finalmente, a oportunidade rara de celebrar Eucaristia e outros sacramentos? Há uma festa. Ficam anos "à espera do presbítero" e não esmorecem na fé.

4. Desculpem, porventura, alguma ligeireza das próximas palavras, diante do mais alto mistério que é a Missa. O que seria se deixasse de haver Missa aos Domingos em algumas paróquias? Num primeiro momento? Nas maiores comunidades, um pequeno tumulto social, obviamente, e alteração de rotinas religiosas. Nessas, os mais diligentes, deslocar-se-iam a outras comunidades para a Eucaristia e dariam boleia a outros com maior dificuldade. Nas comunidades mais pequenas: lamentações por estarem cada vez mais esquecidos. Num segundo momento? Em cada comunidade emergiriam algumas forças adormecidas para os ministérios, absolutamente necessários num corpo. As mulheres assumiriam, como já agora, a dianteira. O padre, quem sabe, apareceria mais itinerante, mais missionário, mais coordenador da pastoral. O Domingo (entenda-se "Eucaristia" no sentido amplo da palavra) aconteceria num outro dia da semana. O boletim paroquial serviria para algo mais do que enumerar intenções e horários de missa. As actividades de formação seriam inter-paroquiais. A religiosidade popular assumiria nova relevância. Até me surgem outros pensamentos, mas deixo ao estimado(a) leitor(a) a liberdade de criar os próximos tempos e de ler o "Evangelho da Alegria" do Papa Francisco. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a Vida.

Jorge Vilaça, In DM 18.07.2019